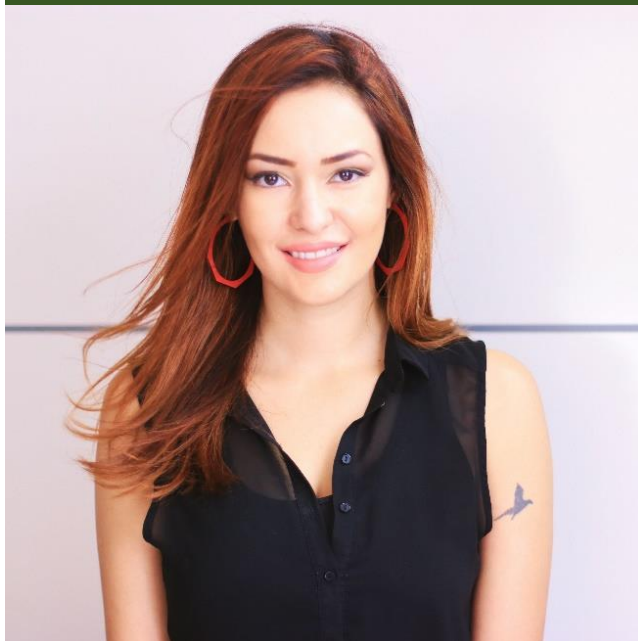


Entrevista de Sabrina Fernandes

Concedida a Ícaro
Jatobá¹



Sabrina Fernandes é doutora em Sociologia pela Carleton University (reconhecimento Sociologia UnB), possui mestrado em Economia Política pela Carleton University (reconhecimento Sociologia UnB) e bacharel em Economia pela St. Thomas University. Trabalha com as seguintes áreas de pesquisa: Teoria Marxista, Movimentos Sociais, Sociologia Ambiental, Economia Política de Gênero e Sociologia da Educação. Atualmente é pós-doutoranda da Fundação Rosa Luxemburgo como Pesquisadora Colaboradora Plena do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB, palestrante e comunicadora.

¹ Mestrando em História, Política e Bens Culturais pelo FGV CPDOC e está como editor-chefe da revista discente Mosaico. Contato: icarojatoba@hotmail.com.br

Mosaico: Primeiramente agradecemos a sua entrevista para o nosso dossiê que tem como tema “Do passado ao presente: os Movimentos Sociais e a Democracia na América Latina”. A entrevista terá foco, primeiramente, na sua trajetória acadêmica/profissional, em seguida falaremos sobre os movimentos sociais e por último a importância desses movimentos para o cenário brasileiro no passado e hoje. De início, gostaria que você nos contasse a sua trajetória acadêmica e profissional?

Eu me mudei para o Canadá com 18 anos, onde fiz um *Bachelor of Arts* em Economia, depois um mestrado em economia política e depois um doutorado em Sociologia com concentração em Economia Política. No doutorado, fiz período sanduíche na Universidade de Brasília e depois da conclusão continuo associada ao Departamento de Sociologia da universidade. Lecionei para turmas de sociologia entre 2017 e 2019 e atualmente sou pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB e *fellow* de pesquisa da Fundação Rosa Luxemburgo-Alemanha. Já trabalhei vários empregos fora e dentro da academia e, atualmente, para além do pós-doutorado, produzo o canal Tese Onze no YouTube e edito a revista Jacobin Brasil.

Sabemos que você é bastante requisitada para palestras e seminários, você conduz um canal no Youtube com quase 300 mil inscritos, está fazendo pós-doutorado, você lançou um livro em 2019, concentra suas pesquisas em Teoria Marxista, Movimentos Sociais, Sociologia da Economia e afins. Falando de prática, como você divide a sua agenda acadêmica com essa pluralidade de atividades?

Não é fácil conciliar todas essas atividades, mas tento ser bastante organizada e disciplinada com o meu uso do tempo. A vantagem de trabalhar com um canal de formação política é que várias coisas que pesquiso no pós-doutorado acabam sendo fonte de material para vídeos no YouTube e também para debates e palestras. O que eu puder criar de pontes entre essas atividades ajuda bastante e acredito que também enriquece a experiência de quem acompanha.

Através do seu canal no Youtube, você chega a um público especial, que em muitos casos, procura você espontaneamente. Como você avalia o seu canal como ferramenta de troca de conhecimento?

O canal é um espaço bastante frutífero para debates e eu sempre aloco horas semanais para acompanhar os comentários e interagir nas diversas redes em que atuo. Aprendo bastante com quem me acompanha e acredito que sem tal interação, meu trabalho teria bem menos impacto também. A audiência do Tese Onze é bastante diversa. Há pessoas de todos os lugares do Brasil e das mais diversas profissões e áreas de conhecimento – pessoas com e sem diploma universitário. O diálogo nesse meio sempre gera reflexões que não surgiriam se eu ficasse em apenas um espaço menor de debates.

Aproximando-se do tema do nosso dossiê, qual a importância dos Movimentos Sociais para a realidade brasileira?

O Brasil é conhecido mundialmente pelos seus movimentos sociais. Estive na Palestina ano passado e muitas pessoas conheciam o MST, além de outros. Nosso país é bastante desigual e a classe política nem sempre reflete os interesses da maioria da população. Isso exige que as pessoas, sobretudo o povo trabalhador, se organize em prol de suas demandas, até mesmo demandas mais básicas como saneamento básico e moradia. Reconhecer esse papel ajuda a entender grandes avanços sociais na história do Brasil como conquistas dos movimentos sociais em vez de dádivas e favores de representantes políticos.

Como você percebe a Academia perante os Movimentos Sociais? Há abertura para a potencialização de saberes partindo da Academia para os Movimentos e dos Movimentos para Academia?

Houve um tempo em que o cientista social olhava para os movimentos sociais como um objeto a ser observado e estudado. Mesmo o contato direto, através de entrevistas e participação era muito mais unilateral: o movimento fornecia informações que o cientista iria analisar depois. Felizmente, o padrão está mudando, em parte por demanda dos próprios movimentos que não querem ser objetos de estudo, mas sujeitos que constroem os saberes em parceria e ajudam a delinear quais as prioridades de pesquisa e o que seria de utilidade para suas demandas e

mobilizações. Essa troca passa a ser mais genuína e acredito que tanto quem está na academia, quanto no movimento, se beneficia disso. Mais ainda, membros dos movimentos sociais estão ocupando mais espaço acadêmico hoje em dia, enquanto acadêmicos tem quebrado tabus acerca de neutralidade e se inserindo como militantes ou ao menos aliados de movimentos sociais com os quais constroem esses saberes.

A década de 2010 consolidou a ascensão de governos conservadores em toda a América Latina. Você acredita que a eleição presidencial brasileira teve ou terá poder de influenciar ondas mais conservadoras nesses países?

241

A eleição de Bolsonaro certamente empolgou a direita venezuelana e teve impacto na retirada de Evo Morales da presidência da Bolívia, algo que até grandes nomes da imprensa internacional começaram a compreender como um golpe de Estado. Lembro que, no ano passado, pouco depois da Bolívia ser tomada por um caos da extrema-direita, um grupo de apoiadores de Guaidó, líder da oposição de direita na Venezuela, invadiu a embaixada venezuelana em Brasília durante a madrugada. Eles carregavam uma imagem de Guaidó, que diziam ser o presidente legítimo. Com a intervenção de movimentos sociais e militantes de organizações políticas diversas, eles foram forçados a se retirar. Esse é um bom exemplo de como o que acontece em um país reverbera em outros no nosso continente.

É certo que os Movimentos Sociais representam ações de rupturas dentro de uma sociedade conservadora e concentradora de renda. Podemos pensar que surge dessa razão de existir a criminalização de alguns Movimentos Sociais pela grande mídia?

Movimentos sociais desafiam lógicas normalizadas na nossa sociedade. Isso ocorre tanto em termos do desafio aos padrões de gênero e sexualidade, quanto ao fundamento da propriedade privada. Quando o MST ocupa uma fazenda improdutiva, ele ajuda a cumprir a tarefa de reforma agrária que é negligenciada pelo Estado. Para a grande mídia, isso é um afronte, já que a propriedade privada é um dos pilares das grandes emissoras e jornais que lucram através de propagandas e investimentos. Movimentos sociais também agregam várias demandas com o decorrer do tempo e

potencializam as lutas de uns aos outros, então acabam representando uma ameaça ao *status quo* que incomoda muita gente.

Ao seu ver, como tem se comportado o Estado ante a criminalização dos Movimentos?

A criminalização dos movimentos sociais não é uma invenção do governo Bolsonaro. Membros de movimentos são ameaçados pela polícia desde sempre e quando são ameaçados, e até mesmo assassinados por civis, é comum que essas investigações não sejam levadas a sério. Todavia, há um acirramento neste momento, especialmente no que tange a movimentos com características fortes de esquerda e ligações com partidos, mas também a movimentos que representam pautas contrárias à ideologia conservadora do governo.

Em todo o mundo é possível ver correntes de esquerda e de direita críticas ao identitarismo, por gerar a fragmentação das forças progressistas ou até mesmo não representar “interesse nacional”. De que forma você avalia essas críticas? Você acredita que as chamadas “pautas identitárias” representam um desafio especial para a esquerda brasileira?

Eu não gosto de utilizar o termo “pautas identitárias” justamente porque vejo que para os movimentos de grande impacto, a identidade é apenas o começo, um ponto inicial de reivindicações que podem ir muito além. Há versões diferentes desses movimentos que terão objetivos diferentes também. O movimento feminista possui vertentes e pode ser mais liberal ou pode ser socialista. Como eu advogo uma perspectiva de oposição sistêmica às formas de opressão – ou seja, não individualista, mesmo que o papel de mudança dos indivíduos seja importante – gosto de falar então de pautas anti-opressão. Essas pautas não são de forma alguma fragmentadas, ao contrário, pois apontam como a opressão é organizada na sociedade e a importância da solidariedade entre os diversos grupos para articular uma luta ampla que combata os problemas na raiz. Se a esquerda brasileira reconhecer que a solução é fortalecer a versão anticapitalista desses movimentos, em vez de tratar essas lutas como menos importantes, certamente irá avançar bastante.

Qual a forma mais efetiva de aproximação de pessoas de fora dos Movimentos, mas que querem apoiar as causas. Há uma dica geral para todos os tipos de movimentos, como MST, Movimento Feminista, Movimento LGBT, Movimento Negro etc.?

A melhor forma de aproximar é perguntando como pode ajudar e entrando em contato na prática. Isso exige ficar atenta para saber da agenda e eventos públicos de cada movimento e marcar presença. Se você se torna militante organizado de um partido, por exemplo, haverá esse outro caminho também, pois o próprio partido terá sua relação institucional com os diversos movimentos.

243

De que modo as redes sociais ajudam e quais riscos elas geram para os Movimentos Sociais e suas ações?

As redes sociais são muito importantes para que os movimentos sociais falem por si mesmos e intervenham nas narrativas que aparecem na grande mídia. Na era de *fake news*, também é muito valioso que os movimentos tenham espaços autônomos de fala para desmentirem qualquer boato perigoso. É possível utilizar as redes para lançar ações de solidariedade também. Ao mesmo tempo, o uso da Internet deve sempre ser regado pelo entendimento que vivemos em uma sociedade de vigilância.

Quais os principais desafios dos Movimentos Sociais na atual conjuntura?

Talvez o principal desafio seja justamente existir. Quando há criminalização e o governo se recusa a reconhecer a legitimidade de movimentos sociais que buscam a transformação da realidade, passa a ser difícil existir como movimento, sem medo e com estrutura para fazer luta, que pode demorar muito tempo para dar algum resultado concreto.

Qual sua expectativa de como os movimentos brasileiros estarão até 2022?

O momento da pandemia do coronavírus fez com que vários movimentos tivessem que se rearticular para garantir a sobrevivência de seus membros com doações e diversas iniciativas de solidariedade. Eu espero que seja possível para que eles se articulem cada vez mais e que isso sirva de exemplo para o restante da sociedade e demonstre o teor absurdo das iniciativas de criminalização.

Entrevista de Sabrina Fernandes

Agradecemos a sua participação.